 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados»		

1. OBJETO

Constitui objeto da presente Orientação Técnica Específica a explicitação de informações complementares no âmbito da Intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados» cujo regulamento de aplicação foi aprovado pela Portaria n.º 54-A/2023, de 27 de fevereiro.

2. MATÉRIAS OBJETO DE EXPLICITAÇÃO

2.1 INTERVENÇÃO D.2.2 «GESTÃO DO MONTADO POR RESULTADOS»

2.1.1 Plano de Ação

Para efeitos do cumprimento do compromisso da intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados», previsto na alínea b) do art.º 26.º do regulamento de aplicação aprovado pela Portaria n.º 54-A/2023, de 27 de fevereiro, o beneficiário é obrigado a elaborar um plano de ação, no primeiro ano do compromisso, recorrendo ao apoio técnico do Gabinete Local de Acompanhamento (GLA), existindo um modelo para preenchimento (Anexo I), bem como as respetivas instruções de preenchimento (Anexo II) disponíveis no *site* da Autoridade de Gestão do PEPAC do Continente.

2.1.2 Avaliação de resultados e respetivos indicadores

No que diz respeito à avaliação dos quatro resultados e respetivos indicadores relativos ao nível do solo saudável, regeneração das quercíneas, biodiversidade da pastagem mediterrânica e elementos singulares promotores da biodiversidade, referidos na alínea c) do art.º 26.º da Portaria supracitada é utilizado pelo GLA o guião de avaliação constante do Anexo III.

A ponderação de cada indicador (dentro de cada resultado) e de cada resultado a contribuir para a classificação final de cada subparcela, referida na alínea 3 do art.º 27.º da mesma Portaria, é indicada na tabela seguinte.

Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados»

Ponderação resultado	Ponderação indicador	
A. Solo saudável e funcional 25%	A1 Grau de cobertura de rumex e margaça	50,0%
	A2 Extensão de solo descoberto	50,0%
B. Regeneração de Quercus 25%	B1 Densidade de regeneração no estágio de arbusto	50,0%
	B2 Estado de conservação da regeneração	50,0%
C. Pastagem mediterrânica biodiversa 25%	C1 Nível de equilíbrio herbáceo da pastagem	33,3%
	C2 Grau de cobertura de cardos	33,3%
	C3 Grau de cobertura de mato	33,3%
D. Elementos Singulares promotores da biodiversidade 25%	D1 Nível de diversidade de elementos singulares	33,3%
	D2 Representatividade dos elementos singulares	33,3%
	D3 Estado de conservação dos elementos singulares	33,3%

O Vogal da Comissão Diretiva,

Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados»

ANEXO I

PLANO DE AÇÃO GESTÃO DO MONTADO POR RESULTADOS

1 - IDENTIFICAÇÃO DO BENEFICIÁRIO E DA EXPLORAÇÃO


Nome			NIF			NIFAP		
Morada								
Localização								
Cód. Postal			Freguesia			Concelho		
Telefone			Telemóvel			Correio eletrónico		

Sócio gerente ou representante (Quando aplicável)								
Cargo								
Nome								
Morada								
Telefone			Telemóvel			Correio eletrónico		

Identificação da exploração								
Local da sede								
Cód. Postal			Freguesia			Concelho		

GLA								
Entidade parceira do GLA								
Designação								
Nome do técnico						Assinatura e carimbo		

Data	
------	--

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

ANEXO II

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

No âmbito da Intervenção D.2.2 «Gestão do Montado por resultados» é obrigação do beneficiário a elaboração, no primeiro ano do compromisso, do Plano de Ação para as subparcelas submetidas a compromisso.

Para a elaboração deste Plano de Ação o beneficiário deve recorrer ao apoio técnico do Gabinete Local de Acompanhamento (GLA) da respetiva área geográfica e com o qual contratualizou o acompanhamento e o apoio técnico.

O Plano de Ação é constituído pelos folhas intitulados por:

- 1 - Identificação do beneficiário e da exploração
- 2 - Caracterização e Classificação da área de sistemas agrosilvopastoris sob montado de sobro, azinho ou carvalho negral
- 3 - Especificação do tipo de ação para obter resultados

Para o preenchimento das dos quadros do ponto 2 e 3 do Plano de Ação, as folhas/separadores em formato *excel* podem ser multiplicadas de acordo com as necessidades.


SEPARADOR 1 – IDENTIFICAÇÃO DO BENEFICIÁRIO E DA EXPLORAÇÃO

Para preenchimento dos dados do beneficiário (identificação, localização da exploração e identificação do responsável quando aplicável) e do GLA que presta o acompanhamento e o apoio técnico (identificação do GLA, da entidade parceira e do técnico)

SEPARADOR 2 – CARATERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DA ÁREA DE SISTEMAS AGROSILVOPASTORIS SOB MONTADO DE SOBRO, AZINHO OU CARVALHO NEGRAL

A caracterização da área de sistemas agrosilvopastoris sob montado de sobro, azinho ou carvalho negral é efetuada ao nível da subparcela.

	Versão 01 12.04.2023
	Pág. 6 de 20

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

No quadro «Classificação da área de sistemas agro-silvo-pastoris sob montado de sobro, azinho ou carvalho negral» deve ser indicada a pontuação dos quatro resultados e respetivos indicadores relativos ao nível do solo (solo saudável e funcional), da paisagem (regeneração de *Quercus*), clima (pastagem mediterrânica biodiversa) e biodiversidade e paisagem (elementos singulares promotores da biodiversidade)

A pontuação final é atribuída automaticamente após preenchimento das pontuações dos indicadores para cada um dos quatro resultados.


Os campos que constituem os quadros «Caraterização da área de sistemas agro-silvo-pastoris sob montado de sobro, azinho ou carvalho negral» no formato *excel*, fornecem elementos adicionais para o seu preenchimento

SEPARADOR 3 - ESPECIFICAÇÃO DO TIPO DE AÇÃO PARA OBTER RESULTADOS

Pretende-se que sejam indicadas potenciais alterações implementar no sistema agrosilvopastoril para assegurar a melhoria dos resultados ambientais.

As ações propostas serão, no entanto fruto da tomada de decisão por parte do beneficiário.

Os campos que constituem o quadro «Especificação do tipo de ação para obter resultados» no formato *excel*, fornecem elementos adicionais para o seu preenchimento

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

ANEXO III

GUIÃO DE AVALIAÇÃO RESUMO UTILIZADO PELO GLA

Este documento deve ser acompanhado da ficha de avaliação de indicadores

Objetivo:

O presente guião indica o procedimento necessário para a avaliação dos indicadores nas explorações candidatas à intervenção “Gestão do Montado por resultados”.

Critérios de Elegibilidade:

No âmbito desta Intervenção, consideram-se elegíveis os beneficiários que cumpram os seguintes critérios de elegibilidade:

- Candidatem uma superfície mínima elegível de 10 hectares de subparcelas de pastagem permanente sob coberto de montado de sobro, azinho, ou carvalho negral, com:
 - i. Uma densidade mínima de 40 árvores por hectare no montado de sobro, azinho, carvalho-negral ou misto destas espécies, ou
 - ii. Um grau mínimo de cobertura de 10% de projeção de copa, em montados de sobro, azinho, carvalho-negral ou misto destas espécies;
- Contratualizem o acompanhamento e o apoio técnico com o GLA da respetiva área geográfica.

Área Geográfica de Aplicação:

A área geográfica de aplicação da intervenção “Gestão do Montado por resultados” corresponde à área geográfica do Sítio Natura 2000 de Monfurado e a área envolvente dos concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos (Figura 1); e à área geográfica da ZPE do Vale do Guadiana e a área envolvente do concelho de Mértola e das freguesias limítrofes dos concelhos de Alcoutim, Almodôvar, Beja, Castro Verde e Serpa (Figura 2).

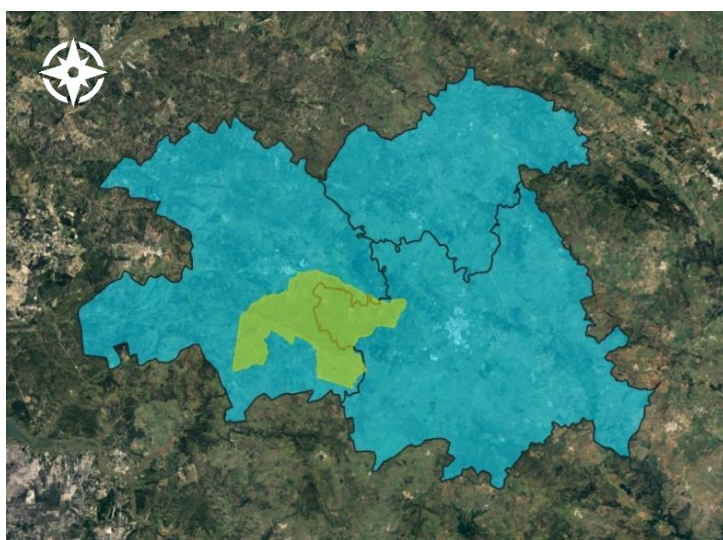


Figura 1 – Área geográfica de aplicação da intervenção “Gestão do Montado por resultados” no Sítio Natura 2000 de Monfurado (polígono amarelo), concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos (polígono azul) e limite dos concelhos anteriormente descritos (linhas pretas).

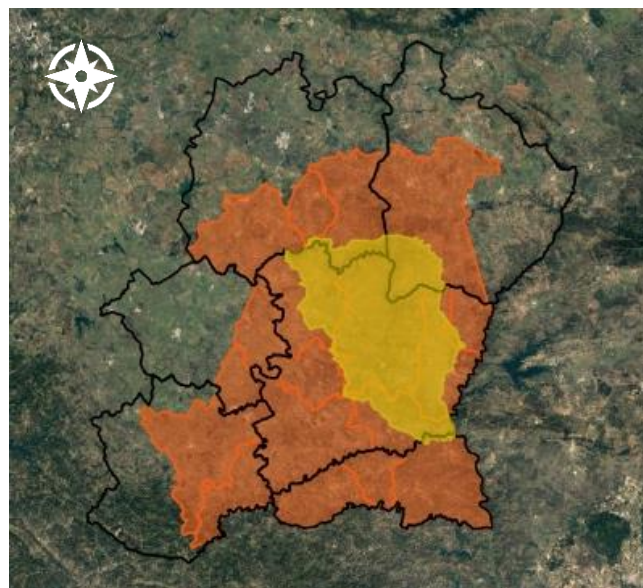



Figura 2 – Área geográfica de aplicação da intervenção “Gestão do Montado por resultados” na ZPE do Vale do Guadiana (polígono amarelo), concelho de Mértola e freguesias limítrofes dos concelhos de Alcoutim, Almodôvar, Beja, Castro Verde e Serpa (polígono laranja) e limite dos concelhos anteriormente descritos (linhas pretas).

Seleção do Percurso de Avaliação:

O percurso de avaliação deverá percorrer zonas representativas da subparcela, onde sejam identificadas todas as componentes em avaliação e seguir uma orientação em ziguezague, passando pelos Elementos Singulares Promotores da Biodiversidade.

- 1) Colocar sobre a subparcela uma grelha quadriculada. No centro de cada quadrícula colocar 1 ponto (georreferenciado) de amostragem (PA). As posições das quadrículas podem ser ajustadas em função da forma da subparcela.
- 2) Identificar os Elementos Singulares e marcar os pontos de avaliação (georreferenciados) desses elementos

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

singulares (PE).

- 3) Marcar e georreferenciar o local de início e fim do percurso de avaliação, o qual poderá ser coincidente.
- 4) Traçar o percurso de avaliação unindo os pontos de amostragem e de elementos, tendo em conta que deve seguir uma orientação em ziguezague e cobrir toda a subparcela.
- 5) Anotar as coordenadas GPS dos pontos de amostragem, pontos dos elementos singulares, e do local de início e fim do percurso de avaliação.
- 6) Obter o mapa da subparcela com os pontos e o percurso.
- 7) Para cada quadrícula com respetivo ponto de amostragem indicar a densidade de árvores adultas por unidade de área.
- 8) Introduzir a informação dos pontos de amostragem numa aplicação de telemóvel que facilite a sua identificação no campo.
- 9) Toda a informação sobre a exploração e respetivo percurso de avaliação e pontos de amostragem deve constar da “Ficha de Exploração”.


Nota: A área afeta a 1 ponto de amostragem pode ser alterada, quer para menor quer para maior área, em função de se encontrar um equilíbrio entre a representatividade e o tempo de avaliação.

Método de Avaliação:

- Percorrer o percurso de avaliação passando pelos pontos de amostragem e de elementos singulares. Observar ao redor, obtendo uma vista geral da qualidade da subparcela, tomando as notas que considerem relevantes.

- Nos pontos de amostragem e nos pontos de elementos singulares, parar e proceder à análise minuciosa dos diversos indicadores, tendo por base o **guião de avaliação**, a **ficha de avaliação** e as **listas de espécies** anexas. Classificar o ponto nos diferentes níveis de classificação disponíveis para cada indicador.

- Fotografar de modo panorâmico cada ponto em cada uma das direções Norte, Este, Sul e Oeste. Fotografar também locais representativos da classificação da subparcela, quer sejam positivos ou negativos, e de modo detalhado situações específicas, identificando as fotografias com o indicador e ponto respeitante.

 GUIA DO BENEFICIÁRIO	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

- No final da avaliação, em cada indicador, a subparcela é classificada no nível que verificar o maior número de observações (moda). Em caso de empate entre 2 níveis, a selecção do nível será efetuada através das notas recolhidas ao longo do percurso tendo em conta a vista geral do estado da subparcela.

Indicadores para Avaliação:

A – Solo

A1 – Qual é o grau de cobertura de rumex e margaça?


Análise			
Observar a ocorrência de rumex e margaça no estrato herbáceo. Estas espécies podem ocorrer de forma combinada com outras espécies ou criar manchas. Observar diferenças entre as espécies herbáceas existentes nas zonas interiores e exterior à projeção da copa das árvores. Em casos extremos observam-se círculos de vegetação diferente correspondentes à projeção da copa. Estimar o grau de cobertura (%) de rumex e margaça. Indicar a espécie dominante.			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura	25 a 50% de cobertura	10 a 25% de cobertura	<10% de cobertura

A2 – Qual é a extensão de solo descoberto?

Análise			
Estimar a extensão (%) de solo descoberto, excluindo valas de drenagem, zonas ao redor de pontos de alimentação (suplementação) e abeberamento, aceiros, caminhos regulares de gado e de veículos, e danos resultantes da atividade de animais selvagens. Prestar particular atenção a zonas com declive acentuado e de confluência de águas de escoamento superficial, uma vez que nesses locais o risco de erosão é maior.			
ALTA	MÉDIA	BAIXA	RESIDUAL
>50% de extensão	25 a 50% de extensão	10 a 25% de extensão	<10% de extensão

Pontuação

ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
1	2	3	4

 GUIA DO BENEFICIÁRIO	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

B – Regeneração

B1 – Qual é a densidade de regeneração no estágio de arbusto?

Análise							
<p>Contar o número de árvores adultas e o número de pequenas árvores (regeneração, altura entre cerca de 0,6 e 1,8m) num campo de visão de 180º, e registar. A orientação utilizada para definir o campo de visão deve ser registada para que seja sempre a mesma nas avaliações de anos subsequentes. A densidade de regeneração em percentagem é calculada <i>à posteriori</i> e classificada em quatro níveis. Excluir as zonas de baixa sujeitas a encharcamento.</p> <p>Nota: A informação sobre a densidade de árvores adultas em cada ponto de amostragem é disponibilizada antes da avaliação, de modo a optar por uma das duas classes: < 60 árvores/ha ou > 60 árvores/ha.</p>							
< 60 árv./ha	RESIDUAL <10%		BAIXA 10-50%		MÉDIA 50-100%		ALTA >100%
> 60 árv./ha	RESIDUAL <10%		BAIXA 10-25%		MÉDIA 25-50%		ALTA >50%

Pontuação


RESIDUAL	BAIXA	MÉDIA	ALTA
1	2	3	4

B2 – Qual é o estado de conservação da regeneração?

Análise	
<p>Observar a regeneração que se encontra nos estádios de desenvolvimento de arbusto e árvore jovem (0,6 a 1,8m altura). Estimar o défice de copa (%) face à copa que deveria existir, traduzido por desfoliação e/ou quebra de raminhos, em média, nas pequenas árvores observadas. Considerar toda a regeneração, tanto a protegida como a não protegida.</p>	
MAU	EXCELENTE
>50% défice de copa	<50% défice de copa

Pontuação

MAU	EXCELENTE
1	4

 GUIA DO BENEFICIÁRIO	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

C – Pastagem

C1 – Qual é o nível de equilíbrio herbáceo da pastagem?


Análise			
<p>Observar o estrato herbáceo, incluindo zonas interior e exterior à projeção da copa das árvores. Agregar as espécies herbáceas nos seguintes grupos: gramíneas, leguminosas e “outras”. Verificar a presença dos 3 grupos e estimar se existe ou não dominância por um destes grupos (presença >75% de cobertura). Ter em conta que para um adequado equilíbrio não deverá existir dominância evidente de nenhum dos 3 grupos.</p> <p>Nota: Ausência ou presença residual: <5% de cobertura; dominância: >75% de cobertura; diversidade: ≥3 espécies.</p>			
RESIDUAL	BAIXO	MÉDIO	ALTO
<p>Ausência ou presença residual de leguminosas e de “outras”. Dominância de gramíneas, sem diversidade.</p>	<p>Ausência ou presença residual de leguminosas. Presença de “outras”, com dominância de gramíneas. Com diversidade nos grupos de gramíneas e “outras”.</p>	<p>Ausência ou presença residual de leguminosas. Presença de gramíneas, com dominância de “outras”. Com diversidade nos grupos de gramíneas e “outras”.</p>	<p>Presença equilibrada dos 3 grupos (presença de leguminosas >5% de cobertura) e com diversidade em cada grupo. Nota: Se o grupo das leguminosas não tiver diversidade, a classificação passa a MODERADO.</p>

Pontuação

RESIDUAL	BAIXO	MÉDIO	ALTO
1	2	3	4

C2 – Qual é o grau de cobertura de cardos?

Análise			
<p>Estimar o grau de cobertura (%) de cardos. Estas espécies podem ocorrer de forma combinada com outras espécies ou criar manchas. Excluir zonas de descanso habitual dos animais.</p>			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura	25 a 50% de cobertura	10 a 25% de cobertura	<10% de cobertura

 GUIA DO BENEFICIÁRIO	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

C3 – Qual é o grau de cobertura de matos?

Análise			
Estimar o grau de cobertura (%) de matos (ex.: estevas, sargaços, giestas, tojos). Pretende-se que as herbáceas sejam dominantes no sub-coberto. Elevada cobertura de estevas e sargaços (cistáceas) é penalizada.			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura, com dominância (>75%) de cistáceas.	25 a 50% de cobertura, maioritariamente matos altos.	10 a 25% de cobertura, maioritariamente matos baixos.	<10% de cobertura.

Pontuação


ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
1	2	3	4

D – Elementos Singulares / Habitats Remanescentes

Os elementos singulares que podem ser considerados para a classificação de uma subparcela são aqueles que estão dentro da subparcela e aqueles existentes, parcial ou totalmente, numa faixa de 200 m de largura, circundante da subparcela. Todos os elementos singulares têm de pertencer ao beneficiário candidato. De todos os elementos singulares existentes, o beneficiário elege aqueles que quer considerar para efeitos de avaliação dos indicadores D1, D2 e D3 e são apenas estes que serão alvo de avaliação.

D1 – Qual é o nível de diversidade de elementos singulares?

Análise			
Verificar a existência dos elementos singulares terrestres: bosquete (área ≥ 75 m ²), mancha de arbustos (área ≥ 50 m ²) e afloramento rochoso (área ≥ 5 m ² ; estrutura única ou várias rochas dispersas); e aquáticos: charco temporário (área ≥ 5 m ²), charca permanente (sem área mínima) e galeria ripícola (extensão ≥ 100 m), considerando a descrição de cada elemento. Avaliar a diversidade de elementos, tendo em conta que é valorizada a existência de pelo menos 1 elemento singular de cada grupo considerado (terrestre e aquático). Este indicador é avaliado a partir da informação constante na ficha da exploração, em gabinete, e carece de confirmação no campo.			
NULO	BAIXO	MÉDIO	ALTO
Ausência de elementos.	Existência de 1 elemento de qualquer grupo.	Existência de, pelo menos, 2 elementos do mesmo grupo.	Existência de, pelo menos, 2 elementos de grupos diferentes (1 terrestre e 1 aquático).

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

D2 – Qual é a representatividade dos elementos singulares?

Análise			
Medir a área ocupada por cada elemento singular. Somar as áreas de todos os elementos considerados na subparcela. Avaliar a representatividade (%) da área ocupada por elementos singulares face à área total da subparcela. Este indicador é avaliado a partir da informação constante na ficha da exploração, em gabinete, e carece de confirmação no campo.			
RESIDUAL	BAIXA	MÉDIA	ALTA
≤0,30% da área total	0,30 a 0,65% da área total	0,65 a 1,00% da área total	>1,00% da área total

Pontuação

NULO /RESIDUAL	BAIXO	MÉDIO	ALTO
1	2	3	4

D3 – Qual é o estado de conservação dos elementos singulares?

Análise
Avaliar o estado de conservação dos elementos singulares, através dos indicadores específicos de cada elemento (D3.1 a D3.6).
Nota: A presença de espécies exóticas invasoras, em lista anexa, independentemente da quantidade, diminui automaticamente a classificação do estado de conservação de cada elemento singular em um nível. Esta diminuição de um nível na classificação é válida para todos os elementos singulares.

BOSQUETES MEDITERRÂNICOS			
D3.1.1 Estrutura vertical do bosque			
Análise			
Avaliar a estrutura do bosque em toda a sua área (ou em parte, se muito grande), através da presença/ausência dos diversos estratos e da quantidade de luz solar que chega ao solo.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Presença de apenas 2 estratos (lianas ausentes), e >75% de luz solar chega ao solo.	Presença de 3 estratos (lianas ausentes), e 50 a 75% da luz solar chega ao solo.	Presença de 3 ou + estratos, com lianas pouco visíveis, e 25 a 50% da luz solar chega ao solo.	Presença de 4 estratos, com lianas muito visíveis, e <25% de luz solar chega ao solo.

Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2

BOSQUETES MEDITERRÂNICOS

D3.1.2 Presença de manta morta no solo dentro da área do bosque

Análise

Avaliar a presença de manta morta (quantidade de matéria orgânica no solo) dentro do bosque. Para tal, avaliar, em cinco pontos dispersos, a cobertura com folhada e a profundidade de solo escuro.

MAU	EXCELENTE
Menos de 50% de solo coberto por folhada e solo escuro com menos de 2 cm de profundidade.	Mais de 50% de solo coberto por folhada e solo escuro com mais de 2 cm de profundidade.

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4

MANCHAS DE ARBUSTOS

D3.2 Composição da mancha de arbustos

Análise

Avaliar a diversidade e cobertura de tipos de arbustos diferentes, consultando a lista anexa. **Nota:** Só se considera verdadeiramente uma mancha de arbustos quando a sua cobertura é superior a 25%.

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Dominância (>50% de cobertura) de esteva e/ou sargaço, OU Mancha ocupada apenas por um tipo de arbusto.	Pouca diversidade de arbustos: 2 ou 3 tipos, e 25 a 50% de cobertura de arbustos na mancha.	Com diversidade de arbustos: mais de 4 tipos, e 50 a 75% de cobertura de arbustos na mancha.	Com diversidade de arbustos: mais de 4 tipos, e >75% de cobertura de arbustos na mancha.

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4

Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2

AFLORAMENTOS ROCHOSOS

D3.3 Vegetação e características físicas do meio rochoso

Análise

Detetar a presença de vegetação característica das rochas (plantas suculentas, fetos, musgos e líquenes) e cavidades/fendas para abrigo de fauna (répteis e/ou anfíbios). **Nota:** São consideradas outras estruturas rochosas artificiais como, por exemplo, aglomerados de pedras/morouços, ruínas e muros.

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Rocha nua (sem qualquer tipo de vegetação) e sem fendas/cavidades.	Rocha nua com fendas/cavidades OU Rocha colonizada até 2 tipos de vegetação característica, mas sem fendas/cavidades.	Rocha colonizada até 2 tipos de vegetação característica e com fendas/cavidades.	Rocha colonizada por 3 ou mais tipos de vegetação característica e com fendas/cavidades.

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4

CHARCOS TEMPORÁRIOS


D3.4 Estado de conservação do charco temporário

Análise

Detetar a presença de uma bacia de depressão suave no solo e avaliar o grau de cobertura das plantas características na área total do charco, e a presença de sinais de degradação, nomeadamente excrementos ou pegadas de animais.

Nota: Considera-se a área total do charco a área encharcada juntamente com a área envolvente de solo húmido que contém vegetação diferente da matriz. Consultar a lista de vegetação característica anexa.

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Sem vegetação característica.	Com vegetação característica em menos de 50% do charco, e com sinais de degradação, em mais de 50% da área.	Com mínimo de 2 tipos de vegetação característica em 50 a 75% do charco, e com sinais de degradação em 25 a 50% da área.	Com mínimo de 3 tipos de vegetação característica em mais de 75% do charco, e com sinais de degradação, em menos de 25% da área.

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4

CHARCAS PERMANENTES			
D3.5 Estrutura da charca permanente e da vegetação envolvente			
Análise			
<p>Observar a ocorrência de vegetação característica (dentro de água e na margem) e o declive das margens (acentuado vs. suave). Consultar a lista de vegetação característica anexa.</p> <p>Nota: as charcas com margens de declive acentuado são verdadeiras armadilhas para fauna e reduzem muito o espaço para o estabelecimento de vegetação típica.</p>			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Sem qualquer tipo de vegetação dentro de água e na margem da charca, OU Presença de vegetação e <25% da margem com declive suave.	Presença de qualquer tipo de vegetação, e 25 a 50% da margem com declive suave.	Presença de vegetação característica em 50 a 75% da superfície da charca, e >50% da margem com declive suave.	Presença de vegetação característica em >75% da superfície da charca, e >50% da margem com declive suave.

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4

Nota sobre as Galerias Ripícolas: para os indicadores D3.6.a e D3.6.b, o avaliador deverá identificar o tipo de linha de água em questão: linha de água temporária ou permanente.

Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2

GALERIAS RIPÍCOLAS TEMPORÁRIAS

D3.6.a Estrutura vertical e horizontal da galeria ripícola em cursos de água temporários

Análise

Avaliar o grau de cobertura com vegetação característica em troços de 100m lineares. Estas linhas de água temporárias podem ter, em parte do seu troço, uma galeria ripícola descontínua. Consultar a lista de vegetação característica anexa. **Nota:** No caso de as duas margens da galeria ripícola não pertencerem ao mesmo beneficiário, avalia-se apenas a margem que pertence ao beneficiário candidato, duplicando a extensão avaliada (2 troços de 100m).

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Apenas 1 tipo de vegetação característica, com <5% de cobertura total.	Até 2 tipos de vegetação característica, com 5 a 25% de cobertura total.	Com 2 ou mais tipos de vegetação característica, com 25 a 50% de cobertura total.	Com 2 ou mais tipos de vegetação característica, com >50% de cobertura total.

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4


GALERIAS RIPÍCOLAS PERMANENTES

D3.6.b Estrutura vertical e horizontal da galeria ripícola em cursos de água permanentes

Análise

Avaliar o grau de cobertura com vegetação em troços de 100m lineares (largura das margens e estratos verticais de vegetação). Admitem-se zonas de passagem estreitas mesmo no estado excelente. Consultar a lista de vegetação característica anexa. **Nota:** No caso de as duas margens da galeria ripícola não pertencerem ao mesmo beneficiário, avalia-se apenas a margem que pertence ao beneficiário candidato, duplicando a extensão avaliada (2 troços de 100m). Considera-se cobertura no sentido horizontal e estratos no sentido vertical. É contabilizada como margem da galeria ripícola desde a água até ao limite da vegetação ripícola.

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Sem vegetação característica, OU Presença de vegetação característica, que ocupa <25% de cobertura contínua, sem estrato de lianas.	Presença de vegetação característica, que ocupa 25 a 50% de cobertura contínua, com estrato de lianas pouco desenvolvido.	Presença de vegetação característica, que ocupa 50 a 75% de cobertura contínua, com estrato de lianas bem desenvolvido.	Presença de vegetação característica, que ocupa >75% de cobertura contínua, com estrato de lianas bem desenvolvido.

 <p>GUIA DO BENEFICIÁRIO</p>	ORIENTAÇÃO TÉCNICA ESPECÍFICA	N.º 2/2023
	Domínio D2 – Programas de Ação em Áreas Sensíveis	
Assunto: Informação Complementar para aplicação da Intervenção D.2.2		

GALERIAS RIPÍCOLAS PERMANENTES			
<p>Nota: A dominância (>75%) do silvado na galeria, independentemente da sua largura, é classificada como MAU.</p>			

Pontuação

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
1	2	3	4